

## UMA LEITURA DE “LAGOA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Paulo Maués Corrêa  
paulomauescorrea@yahoo.com.br  
<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

### RESUMO

Carlos Drummond de Andrade é um dos maiores ícones da Literatura Brasileira, com uma produção que se construiu canônica ao longo de parte significativa do século XX, mantendo-se como obra fundamental até a atualidade. No presente estudo, proponho a leitura do poema *Lagoa*, com vistas a desvendar, dentre outros aspectos, os jogos semiológicos de que o poeta lançou mão para a composição. Associada à interpretação do texto, é efetuada ainda uma análise estilística, a qual também é de fundamental importância para a compreensão do poema, o que ilustra o quanto Drummond foi um poeta atento à imprescindível relação entre forma e conteúdo. Para uma maior fundamentação e contextualização do estudo, apresento proposições da crítica a respeito do poeta.

**Palavras-chave:** Drummond; lagoa; jogo.

A Literatura Brasileira possui inúmeros poetas de significativo valor, desde Gregório de Matos Guerra, passando por árcades, românticos, parnasianos e simbolistas. No entanto, no século XX, com o advento do Modernismo, é que se tem uma gama mais significativa de nomes de inegável talento poético, dentre os quais Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário Quintana e tantos outros.

Porém, no presente estudo, trato daquele que foi o nome de maior prestígio ao longo de todo o século XX: Carlos Drummond de Andrade, nascido na cidade mineira de Itabira, em 31 de outubro de 1902, e falecido no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 1987. Cedo ingressou nas fileiras do Modernismo, com destaque na segunda fase do movimento, a partir de 1930, ano em que lança seu livro de estreia, *Alguma Poesia*. Segundo Massaud Moisés, em compasso com inúmeras outras referências da historiografia da Literatura Brasileira, o movimento Modernista se divide em três momentos:

O primeiro momento, ou período de destruição, desenrola-se até 1928, quando Oswald de Andrade lança o “Manifesto Antropófago” e se publicam obras relevantes, dentre as quais *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Começava-se, assim, o segundo momento modernista, ou período de construção, quando se definem alguns expoentes da nossa poesia, como Carlos Drummond de Andrade, e surge o romance social do Nordeste, com

Jorge Amado à frente. Em 1945, contemporaneamente ao término da II Guerra Mundial, tem início, com a chamada “Geração de 45”, o terceiro momento do Modernismo, também denominado Neomodernismo, conforme proposta de Tristão de Ataíde (2008, p.21).

Atente-se para o fato de Moisés situar Drummond como o destaque do segundo momento, observação que não é só desse crítico, pois, para Alfredo Bosi, Drummond “foi o primeiro grande poeta que se afirmou depois das estreias modernistas” (2006, p.440). E, no parecer de Nelson Werneck Sodré, “De *Alguma Poesia*, em 1930, início da segunda fase do Modernismo, à *Rosa do Povo*, de 1945, quando ela se encerra, Carlos Drummond de Andrade alcança posição de inconfundível destaque em nossa literatura” (1988, p.547).

Manuel Bandeira, além de mestre na poesia, arguto crítico, comenta, acerca do lançamento de *Alguma Poesia*:

Carlos Drummond de Andrade levou sobre os seus companheiros de geração a vantagem de aparecer perfeitamente assentado e amadurecido. Se tivesse surgido em livro há oito anos atrás, e já então andava empenhado na batalha modernista, apresentaria talvez as incertezas, as facilidades que degeneraram em cacoetes, enfim as presunções daquela idade ingrata, idade feliz, de transição. Como a voz dos rapazes na puberdade, a de muitos poetas daquela hora afinada e desafinada com frequência (1997, p.75).

Essa posição de destaque também se deve, além de seu inegável valor estético, à longevidade da produção drummondiana, que não se restringiu à poesia, ampliando-se a outros gêneros, o que é destacado por Moisés:

Figura maior do Modernismo, assim como de toda a nossa história literária, Carlos Drummond de Andrade cultivou, ao longo de uma carreira de mais de cinco décadas, o conto, a crônica e a poesia, sempre num alto nível de inventividade e expressão (2008, p.263).

E essa produção que se distribui por parte significativa do século XX afiança a assertiva de Moisés segundo a qual a obra de Drummond é “uma espécie de mostruário das várias tendências modernistas” (2008, p.263). Dentre os principais títulos de sua extensa bibliografia, destaco, além do referido *Alguma Poesia*, os seguintes títulos:

- *Brejo das Almas* (1934);

- *Sentimento do Mundo* (1940);
- *A Rosa do Povo* (1945);
- *Claro Enigma* (1951); e
- *O Amor Natural* (publicação póstuma, de 1992).

São inúmeros os poemas de Drummond dignos de um estudo, porém, por uma empatia particular, o texto selecionado foi *Lagoa*, justamente do livro inaugural, *Alguma Poesia*:

Eu não vi o mar.  
Não sei se o mar é bonito,  
não sei se ele é bravo.  
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.  
A lagoa, sim.  
A lagoa é grande  
E calma também.

Na chuva de cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha  
a lagoa se pinta  
de todas as cores.  
Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa... (2013, p.31)

Estruturalmente, durante as três estrofes, predominam as redondilhas menores, como o que ocorre no primeiro verso:

1 2 3 4 5  
Eu / não / vi / o / mar/

Mas há duas exceções: um verso em redondilha maior e outro com seis sílabas, conforme se pode acompanhar na escansão a seguir:

1 2 3 4 5 6 7  
Não / sei / se o / ma/r é / bo/ni/to,

1 2 3 4 5 6  
a / la/go/a / se / pin/ta

O título demarca de início o tópico de maior relevância, a lagoa. E logo no primeiro verso é exposto o item que se opõe à lagoa, o mar. Entre a primeira e a segunda estrofes, há uma relação antitética, tendo em vista que aquela é demarcada pela negação [“não vi” / “Não sei” / “não sei” / “não me importa”], enquanto na outra ocorre o predomínio da afirmação [“Eu vi” / “sim” / “é”]. O jogo de contraposições é detalhado por conta dos seguintes pares: “Eu não vi o mar” / “Eu vi a lagoa”; e “bravo” / “calma”.

Embora o mar seja destacado na primeira estrofe, ele não é o elemento preponderante no poema, tanto que, além da falta de conhecimento em torno do mar, há a assertiva de que “O mar não me importa”, o que abre espaço para a subseqüente valorização da lagoa na estrofe seguinte.

Na terceira estrofe, há uma estruturação diferente das demais: nas duas primeiras, quartetos; porém nela há sete versos. Essa modificação na quantidade de versos possui estreita relação com o conteúdo dessa passagem, pois “a lagoa se pinta / de todas as cores” é uma referência ao cair da tarde, em que os raios solares batem na água da lagoa e são refletidos diante desse contato que dissipa as cores que compõem o feixe de luz branca, tal como ocorre no arco-íris. São sete as cores, exatamente o mesmo número de versos da estrofe. Essa associação entre forma e conteúdo é recorrente e pertinente em Drummond, e o caso mais significativo e conhecido em sua poética é o do *Poema de sete faces* – o qual abre o *Alguma Poesia* –, em que esse “sete” do título tem a ver com a quantidade de estrofes do poema, do qual cito a sexta:

Mundo mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração. (2013, p.11)

Segundo Letícia Malard, os três primeiros versos dessa estrofe são “talvez os mais populares do modernismo Brasileiro” (2005, p.36). Tanto é que Manuel Bandeira, para homenagear seu irmão de vida literária, lançou mão exatamente desses versos na composição do poema *Carlos Drummond de Andrade*:

O sentimento do mundo  
É amargo, ó meu poeta irmão!  
Se eu me chamasse Raimundo!...  
Não, não era solução.  
Para dizer a verdade,  
O nome que invejo a fundo  
É Carlos Drummond de Andrade. (2007, p.329)

Bandeira ainda teve o cuidado de compor o poema com sete versos, outra referência sutil ao já referido *Poema de sete faces* drummondiano. Aliás, a relação entre Bandeira e Drummond é muito estreita, de mútua admiração, pois, conforme Ruy Espinheira Filho, “Carlos Drummond de Andrade admirava, no Brasil, acima de todos, um poeta: Manuel Bandeira” (2004, p.20).

Em *Lagoa*, ainda no tocante ao espelhamento entre forma e conteúdo, também são sete as vezes em que a palavra mais importante do texto – lagoa – aparece, a contar com o título. Segundo Denise Azevedo Duarte Guimarães, “A repetição funciona como elemento rítmico” (1982, p.115), mas vai além, posto que “reforça a fixação da mensagem dispensando o elemento lógico-discursivo do discurso convencional” (1982, p.115), enfatizando, no caso do poema de Drummond, a importância central da lagoa.

Esse poema pode ser visto como tipicamente mineiro, diante da impossibilidade geográfica, em Minas Gerais, da visualização do mar – se poderiam ver aí elementos associados à biografia de Drummond? Esse tipo de questionamento poderia receber uma resposta positiva, pois, conforme Malard,

A questão do poema-memória volta-se para a força do viés biográfico da poética drummondiana, cuja inspiração provém em primeiro lugar de experiências pessoais. Aí faz-se notória a rejeição do criar poético a partir do desconhecido, do que a memória não reteve – recalçou ou rotulou de desimportante (2005, p.45).

A afirmativa de que a produção drummondiana se pauta em elementos experienciados também é visível, por exemplo, em *Bahia*, da série *Lanterna Mágica*, igualmente pertencente ao *Alguma Poesia*:

É preciso fazer um poema sobre a Bahia...  
Mas eu nunca fui lá. (2013, p.29)

O que poderia ter sido o miolo do poema se deixa sugerir e se perde na impossibilidade demarcada pelas reticências, e nada mais há a dizer sobre a Bahia, a não ser a falta de conhecimento em relação ao lugar.

E, para reforçar a observação no tocante à impossibilidade mineira de olhar o mar, cito os seguintes versos de Silviano Santiago, usados como epígrafe no ensaio *O espaço nômade do saber*, publicado no livro *Crítica Cult*, de Maria Eneida de Souza:

Minas do lar  
Minas sem mar  
Minas do lazer  
sem mar. (2002, p.39)

Assim, justifica-se a atenção tamanha que a lagoa, como local em que se fixa esse eu poético, recebe no poema, a ponto de se assegurar: “A lagoa é grande”. Essa grandeza se fundamenta no poema por dois motivos: 1) ausência de contato do eu-lírico com o mar, portanto não há parâmetros para avaliar senão a partir da experiência unilateral da visualização da lagoa; e 2) a composição do par mar/lagoa – numericamente, lagoa (cinco letras) é maior que mar (três letras), sem contar que /l/ é uma consoante líquida, remetendo, portanto, ao elemento água, e em lagoa ocorre a presença da água [lagoa]. Logo, a lagoa, além de ser maior que o mar, também tem muito mais água, embora o mar é que esteja associado à palavra “bravo”, aspecto também pontuado no nível sonoro ou fônico, fato projetado no /r/ aspirado de mar.

A exploração dos elementos sonoros do poema se mostra interessante, já que nada na obra de arte é gratuito, pois, conforme Denise Guimarães, num poema, “Som e sentido vinculam-se indissolivelmente, numa interação contínua e motivada, responsável por uma série de efeitos sonoros peculiares aos poemas modernos” (1982, p.113). Jonathan Culler destaca que a Literatura é demarcada pela integração da linguagem, fundamentando sua proposição, em compasso com o que afirma Guimarães, no fato de que “em literatura há relações – de reforço ou contraste e dissonância – entre as estruturas de diferentes níveis linguísticos: entre som e sentido, entre organizações gramaticais e padrões temáticos” (1999, p.36).

Portanto, *Lagoa* é a ilustração apropriada para os posicionamentos de Guimarães e Culler, bem como justifica o comentário de Mário Faustino segundo o qual Drummond é “o homem que emprestou à nossa língua uma precisão, um *mot juste* em grau que ela ainda não conhecia” (2003, p.211) – a palavra certa, no lugar certo, tratando do local certo.

No término do poema, há a repetição do primeiro verso da primeira estrofe e do primeiro da segunda:

Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa...

No entanto, ocorre o acréscimo de um aspecto, as reticências, que intensificam o fato de que há muito mais a ser dito acerca da lagoa.

O poema de Drummond aqui analisado é uma pequena mostra do quanto um texto simples pode resguardar aspectos curiosos para o desenvolvimento de uma leitura pertinente e interessante, que é convidativa para que o leitor adentre *No vasto mundo de Drummond*, para usar a feliz expressão que dá título ao livro de Malard.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Brejo das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BANDEIRA, Manuel. Crônicas da província do Brasil. In: BANDEIRA, Manuel. *Seleção de Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.13-132.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. (Biblioteca do Estudante)
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. 2.ed. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: Uma Introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Forma e Alumbramento: poética e poesia em Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2004.
- FAUSTINO, Mário. *De Anchieta aos Concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. A poética do Modernismo e suas projeções. In: COSTA, Marta Morais da et al. *Estudos sobre o Modernismo*. Curitiba: Criar, 1982. p.97-128.
- MALARD, Letícia. *No vasto mundo de Drummond*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Modernismo (1922-atualidade)*. São Paulo: Cultrix, 2008. v.III
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. (Humanitas)

## SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre em

Estudos Literários (UFPA, 2006). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários (UFPA). Professor de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Ensino. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), e o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008. Membro do Grupo de Pesquisa “Literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia”, do CNPQ. Autor de livros sobre Literatura e Cultura Amazônica.